



**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas  
Habilitação: Línguas, Arte e Literatura**

**WENDERSON GUEDES NUNES (TAWÁ PATAXÓ)**

**FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS:  
IMPRESSÕES DE EGRESSOS DO POVO PATAXÓ DO SUL DA BAHIA**

**Belo Horizonte,  
2024.**

**Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Educação  
Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas  
Habilitação: Línguas, Arte e Literatura**

**WENDERSON GUEDES NUNES (TAWÁ PATAXÓ)**

**FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS:  
IMPRESSÕES DE EGRESSOS DO POVO PATAXÓ DO SUL DA BAHIA**

Percorso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura.  
Orientadora: Profa. Dra. Bárbara Bruna Moreira Ramalho  
Coorientador: Prof. Dr. Edgar Rodrigues Barbosa Neto

**Belo Horizonte,  
2024.**

**WENDERSON GUEDES NUNES (TAWÁ PATAXÓ)**

**FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS:  
IMPRESSÕES DE EGRESSOS DO POVO PATAXÓ DO SUL DA BAHIA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bárbara Bruna Moreira Ramalho - Orientadora**  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

**Prof. Dr. Edgar Rodrigues Barbosa Neto – Coorientador**  
Universidade Federal de Minas Gerais

---

**Prof. Me. Angelo Santos do Carmo**  
Terra Indígena Pataxó Aldeia Velha

---

**Prof. Dr<sup>a</sup>. Shirley Aparecida de Miranda**  
Universidade Federal de Minas Gerais

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Niamisü (Deus), por me proporcionar esse momento único em minha vida. Foi ele quem me abençoou durante este tempo de aprendizagem e quem fez com que eu retornasse para minha comunidade com um novo olhar e muitos conhecimentos adquiridos.

Quero agradecer também à minha família, que é minha base, que me incentivou fazer parte desse mundo universitário, que agregou muito em minha vida pessoal e profissional.

Obrigado a todos os meus parentes e colegas que, durante essa jornada me acolheram, me ajudaram a continuar com o carinho e acolhimento que retribuíram sobre mim.

Não posso deixar de agradecer a cada um dos meus entrevistados por terem aceitado fazer parte do meu Trabalho de Conclusão, me ajudando a realizar um ótimo trabalho.

Quero deixar meu muito obrigado a cada um dos professores que compartilhou seus conhecimentos conosco, indígenas, realizando uma troca de saberes.

Agradeço, por fim, aos meus orientadores, que me ajudaram realizar um excelente trabalho de percurso. Gratidão!

## **RESUMO**

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar o impacto da Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) nas comunidades indígenas Pataxó do extremo sul da Bahia. O trabalho foi realizado a partir da escuta de estudantes que cursaram a Formação entre os anos de 2006 e 2023. A pesquisa apontou reverberações do Curso em diferentes dimensões das vidas dos egressos e de suas comunidades. Além de realizarem para uma avaliação positiva do Curso, os depoimentos oferecem importantes pistas para aprimoramento da Formação intercultural.

**Palavras-chave:** Formação Intercultural para Educadores Indígenas; Trajetórias; Impactos.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Grupo de cultura Aldeia Velha - Kakusus. Fonte: Angelo Pataxó, 2021.
- Figura 2 - Grupo de cultura Aldeia Velha - Jokanas. Fonte: Angelo Pataxó, 2021.
- Figura 3 - Enoturismo. Fonte: Ducavalery, 2007.
- Figura 4 - Etnoturismo. Fonte: Ducavalery, 2007.
- Figura 5 - Jogos infanto-juvenis. Fonte: Angelo Pataxó, 2023.
- Figura 6 - Jogos infanto-juvenis. Fonte: Angelo Pataxó, 2023.
- Figura 7 - Intercâmbio. Fonte: Arquivo Ahnã Pataxó, 2019.
- Figura 8 - Intercâmbio. Fonte: Arquivo Ahnã Pataxó, 2019.
- Figura 9 – Povo Pataxó na Bahia. Fonte: <https://images.app.goo.gl/1oj4z5yvaxrgsfxy7>
- Figura 10 - Reserva Aldeia Velha. Fonte: Ducavalery, 2007.
- Figura 11 - Ahnã Pataxó. Fonte: Arquivo da entrevistada.
- Figura 12 - Mihaywere. Fonte: Arquivo da entrevistada.
- Figura 13 - Kevin Pataxó. Fonte: Arquivo do entrevistado.
- Figura 14 - Antônio César da Conceição Braz. Fonte: Arquivo do entrevistado.
- Figura 15 - Aline Pataxó. Fonte: Arquivo da entrevistada.
- Figura 16 - Genival Pataxó. Fonte: Arquivo do entrevistado.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<i>INTRODUÇÃO E CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA</i>	<b>8</b>
<b>2.</b>	<i>OS TERRITÓRIOS DA PESQUISA</i>	<b>17</b>
2.1.	Sul da Bahia .....	17
2.2.	Aldeia Velha.....	19
2.3.	Formação Intercultural para Educadores Indígenas .....	20
<b>3.</b>	<i>METODOLOGIA</i> .....	<b>23</b>
<b>4.</b>	<i>OS PATAXÓ DO SUL DA BAHIA NO FIEI</i> .....	<b>24</b>
4.1.	Primeiros estudantes .....	24
4.2.	Entrevistados .....	25
4.3.	Trajetórias dos Egressos .....	32
4.3.1.	Ingresso .....	32
4.3.2.	Permanência .....	34
4.4.	Impactos do FIEI.....	38
4.5.	Méritos e demandas .....	42
<b>5.</b>	<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i> .....	<b>45</b>
<b>6.</b>	<i>REFERÊNCIAS</i> .....	<b>48</b>
<b>7.</b>	<i>ANEXO</i> .....	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO E CONSTRUÇÃO DO PROBLEMA

Me chamo Wenderson Guedes Nunes e também sou conhecido como Tawá, que é o meu nome na língua materna Pataxó, o Patxôhã.

Sou uma pessoa que sempre esteve envolvida nas questões culturais desde de bem pequeno. Com isso, criei uma conexão muito forte com a cultura do povo Pataxó e com a espiritualidade.

Sou de uma família de indígenas Pataxó, que vive na região Sul da Bahia. Cresci aprendendo com meus familiares a importância da prática da nossa cultura e também do envolvimento em nossas lutas. Minha mãe estava em uma retomada quando sentiu dores que mais tarde resultariam no meu nascimento.

No início de minha infância morei em Coroa vermelha, uma comunidade do município de Santa Cruz Cabrália, BA. Essa comunidade é conhecida por ser a maior comunidade indígena urbana do Brasil.

Com seis anos de idade fui para uma outra comunidade, Aldeia Velha. Essa comunidade foi retomada por muitos indígenas desaldeados e, com isso, a questão cultural da aldeia estava enfraquecida. Com a nossa chegada na comunidade minha mãe, que fazia parte de um grupo cultural de Coroa Vermelha, logo sentiu as diferenças culturais e iniciou um grupo para desenvolver a cultura no território. Eu sempre estava envolvido junto com ela.

Com o passar do tempo veio meu tio, junto com outros amigos, para ajudar o grupo cultural que estava se iniciando. O grupo começou a se desenvolver e começou a receber convites para realizar apresentações em outras cidades. Fizemos apresentações em cidades da Bahia, inclusive em Salvador e em São Paulo. Com isso, o nome de Aldeia Velha passou a ser mais conhecido.



Figura 1 - Grupo de cultura Aldeia Velha - Kakusus. Fonte: Angelo Pataxó, 2021.



Figura 2 - Grupo de cultura Aldeia Velha - Jokanas. Fonte: Angelo Pataxó, 2021.

O grupo, com algumas parcerias, criou, em 2007, o trabalho de etnoturismo na comunidade. Com esse trabalho me desenvolvi muitos nos conhecimentos culturais, que me ajudam muito nos dias atuais.



*Figura 3 - Enoturismo. Fonte: Ducavalery, 2007.*



*Figura 4 - Etnoturismo. Fonte: Ducavalery, 2007.*

O trabalho de etnoturismo acabou paralisando por conta de um incêndio criminoso em nossas cabanas. Em nosso trabalho, além de realizar atividades culturais, fazíamos fiscalização na mata, impedindo pessoas de caçar e retirar madeiras para vendas. Isso despertou raiva de pessoas de dentro e fora da comunidade, que resultou na prática de um crime contra nossas cabanas.

Com o incêndio, os integrantes do grupo de cultura foram em busca de outros meios de sustento. Muitos dos integrantes fizeram o processo seletivo na área de educação do município de Porto Seguro, para trabalhar nas diversas áreas dentro da escola, como: serviços gerais, merendeira, porteiro e professores. Grande parte do grupo conseguiu passar por essa seletiva e com o grupo cultural dentro da escola a educação diferenciada, que é algo de grande importância, passou a ser mais praticadas na escola de Aldeia Velha, fazendo com que os alunos se tornassem mais participativo também na questão cultural. A escola passou, por exemplo, a contar com projetos importantes como os jogos infanto-juvenis e o intercâmbio cultural.

Nos jogos são divididos grupos que são definidos por cores; azul, branco, verde, amarelo, vermelho e marrom. Cada grupo é formado por uma divisão das turmas dos anos iniciais aos anos finais do Ensino Fundamental. Os estudantes são distribuídos nesses grupos para que não haja desequilíbrio entre as equipes. Com as equipes formadas iniciam-se os treinamentos das modalidades indígenas: corrida com maracá, arco e flecha, zarabatana, arremesso de takape (lança), cabo de guerra e corrida com tora. Nas competições as equipes realizam disputas de todas essas modalidades.



Figura 5 - Jogos infanto-juvenis. Fonte: Angelo Pataxó, 2023.



Figura 6 - Jogos infanto-juvenis. Fonte: Angelo Pataxó, 2023.

O intercâmbio cultural é um projeto em que os alunos realizam visitas em comunidades do povo Pataxó para conhecer novos territórios. Nessas visitas eles conversam com lideranças e anciões da comunidade, conhecem as fontes de renda dos membros das aldeias e ouvem relatos da história desse território. Chegando na escola esses alunos participam de um seminário em que são divididos grupos que tematizam vários aspectos relacionados ao território visitado.



*Figura 7 - Intercâmbio. Fonte: Arquivo Ahnã Pataxó, 2019.*



Figura 8 - Intercâmbio. Fonte: Arquivo Ahnã Pataxó, 2019.

Em 2015, após finalizar o Ensino Médio, iniciei minha trajetória como educador, lecionando a disciplina do Patxôhã, uma disciplina voltada para história do povo Pataxó, seus costumes e a Língua. Como sempre fui envolvido nas questões culturais dentro da comunidade e como minha família fazia parte da educação, acabei recebendo o convite para ministrar a matéria. Realizei o processo seletivo e obtive uma nota necessária, mesmo sem um Curso de Graduação, para atuar na escola. Eu não tinha experiência em sala de aula, mas aceitei o convite. Eu sabia que no quadro de funcionários da escola havia uma grande quantidade de pessoas que faziam parte do grupo de cultura da comunidade e confiava no nosso hábito de nos ajudar.

Me identifiquei com a educação e logo fui em busca de ingressar em um Curso de Graduação. Entrei no curso de Educação Física em uma Universidade privada da cidade de Porto Seguro. Não gostei do curso, mas continuei imaginando me adaptar a ele no decorrer dos estudos. Nesse período já havia muita gente de minha comunidade envolvida com a Formação Intercultural para

Educadores Indígenas (FIEI) e sempre que os estudantes comentavam como era o Curso me despertava curiosidade. Desisti da licenciatura em Educação Física e, na mesma época, minha mãe entrou no FIEI e me incentivou a fazer a inscrição para o vestibular.

Em 2020, houve a pandemia de Covid-19 e o processo seletivo do Curso sofreu mudanças: a prova escrita foi substituída por um memorial. Nesse ano fui aprovado no vestibular para a habilitação em Línguas, Artes, Literatura (LAL).

O início do Curso foi muito complicado por conta dos estudos remotos. Nossos encontros com os professores eram realizados por meio de videochamadas e as atividades eram enviadas por e-mail. Como nossas comunidades não tinham o costume do uso de tecnologia, sentimos muitas dificuldades no acesso e sentíamos que era muito diferente de estar em sala de aula com os professores.

Passando esse período, fomos para a Universidade. Embora muitas restrições e exigências, como o uso de máscara e do álcool em gel, foi algo muito melhor do que aquele ensino remoto. Nessa primeira ida a Belo Horizonte já senti o acolhimento dos professores e percebi as diversas metodologias, que valorizavam as questões indígenas. Também conheci de perto outros povos e culturas.

Passei a observar a Universidade de acordo as informações que ouvia de antigos estudantes sobre como essa formação agregava melhorias em diversas áreas em nossas comunidades. Comecei a perceber que, além da educação, essa graduação desenvolveu melhoria na questão cultural do nosso povo, fez com que nosso engajamento nas lutas crescesse muito, com que nós indígenas entendêssemos mais sobre as questões legais e jurídicas, fortalecendo nossas lutas.

Durante uma aula da professora Maria Gorete ela citou a importância de um trabalho que mostrasse o impacto da Formação Intercultural para Educadores Indígenas, o FIEI, em nossas comunidades. Isso me fez se interessar no assunto e ir além do que ela tinha proposto em sala, falando dos impactos da Formação no meu, em Aldeia Velha. Para isso, optei por entrevistar pessoas que fizeram parte do Curso, os egressos. Entrevoitei ex-alunos pedindo que falassem das eventuais melhorias trazidas pelo FIEI para o povo, mas também que relatassem dimensões do Curso que precisam melhorar para que

chegue a uma formação ideal para nós indígenas Pataxó da Bahia. Nessas entrevistas também falamos também das motivações para ingresso no Curso e das dificuldades enfrentadas para concluir a sua formação.

Organizamos nosso trabalho em xxx capítulos. No primeiro denominado, “Os Territórios da Pesquisa”, faço uma breve contextualização histórica do povo Pataxó no sul da Bahia, bem como as atuais Terras Indígenas e suas localizações. Fazendo um enfoque no processo de retomada da Terra Indígena Pataxó Aldeia Velho, território no qual pertenço e início minha trajetória no movimento e na educação escolar indígena.

Logo em seguida, apresentamos o processo da criação do Curso do FIEI, evidenciando o processo da luta do movimento indígena e parceiros institucionais conquistamos os marcos históricos e legais na Constituição Federal de 1988. Esse movimento por uma educação diferenciada sempre teve o protagonismo indígena, o que está presente neste movimento do FIEI.

Posteriormente, demonstramos a metodologia que usamos para nossa pesquisa que predomina entrevistas com os egressos do FIEI e suas percepções do Curso.

No capítulo “O Pataxó do Sul da Bahia no FIEI” apresento a caminhada dos egressos dos quais entrevistamos com seus depoimentos, narrando os desafios e superações dessa caminhada no que diz respeito ao interesse e a permanência. Cada grupo, em tempos diferentes, vai, conjuntamente com os coordenadores, aprimoramento a qualidade do Curso para tornar essa estadia de estudos cada vez melhor.

Nas “Considerações Finais! reiteramos os avanços que tivemos, mas também buscamos contribuir apontando potenciais pontos de investimento no Curso.

## 2. OS TERRITÓRIOS DA PESQUISA

### 2.1. Sul da Bahia

Há no extremo sul do Estado da Bahia cerca de quarenta e cinco comunidades Pataxó distribuídas em sete terras indígenas (TIS). Os registros históricos comprovam a presença dos Pataxó na região entre o rio de Porto seguro e a margem do rio São Mateus, no atual estado do Espírito Santo.

Atualmente, o povo Pataxó está distribuído por algumas cidades baianas como Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália e Itamaraju e continuam mantendo alguns costumes e práticas ancestrais. O povo conhecido por seu ritual, o awê, que chama atenção de todos quando é realizado.

A fonte de renda do povo está relacionada a diversas atividades como agricultura familiar, pesca, confecção e venda do artesanato e etnoturismo, já que algumas comunidades recebem visitantes, com isso promovem vivências, com apresentação da culinária, das medicinas tracionais e das histórias tradicionais. Além desses meios de sustento, hoje em dia os festejos Pataxó se tornaram um atrativo turístico. Essa mistura cultural e religiosa, como as Festas de São Benedito, São Brás e São Sebastião e a Folia de santo Reis têm grande adesão de pessoas indígenas e não indígenas.

O primeiro aldeamento do povo Pataxó foi a comunidade de Barra Velha, que foi criada no ano 1861, e que hoje é chamada pelos indígenas de Aldeia Mãe, isso porque foi a partir dela que surgiram as demais comunidades. Esse surgimento das demais comunidades não veio de uma história bonita, mas sim de uma história de resistência do povo.

Em 1951, o povo Pataxó sofreu um massacre que ecoa até os dias atuais nos seus ouvidos. Os indígenas da época sofreram ataques das policias de Porto Seguro e de Prado. Muitas pessoas foram torturadas, mulheres foram estupradas, casas foram queimadas e muitos parentes foram assassinados. Em razão desse massacre, com medo de retornar para Barra Velha, muitos indígenas criaram novos aldeamentos.

Hoje, as comunidades são organizadas por territórios, que são:

1. Terra Indígena Imbiriba, próximo à foz do rio dos Frades, a vinte quilômetros ao norte de Barra Velha.
2. Terra Indígena Coroa Vermelha, estimulado pelo fluxo turístico, onde se desenvolvem atividades artesanais. Este está à margem da rodovia que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabrália.
3. Terra Indígena Aldeia Velha, no município de Porto Seguro, sul da Bahia, ao norte do distrito Arraial da Ajuda.
4. Terra Indígena Mata Medonha, ao norte do município de Santa Cruz Cabrália.
5. Cumuruxatiba, também conhecida como cahy-pequi, no município do Prado, situada nas mediações ao sul da TI Barra Velha do Monte Pascoal.
6. Terra Indígena Barra Velha, localizada em Caraíva.
7. Terra Indígena Ponta Grande, o território mais recente, localizada na orla norte de Porto Seguro.

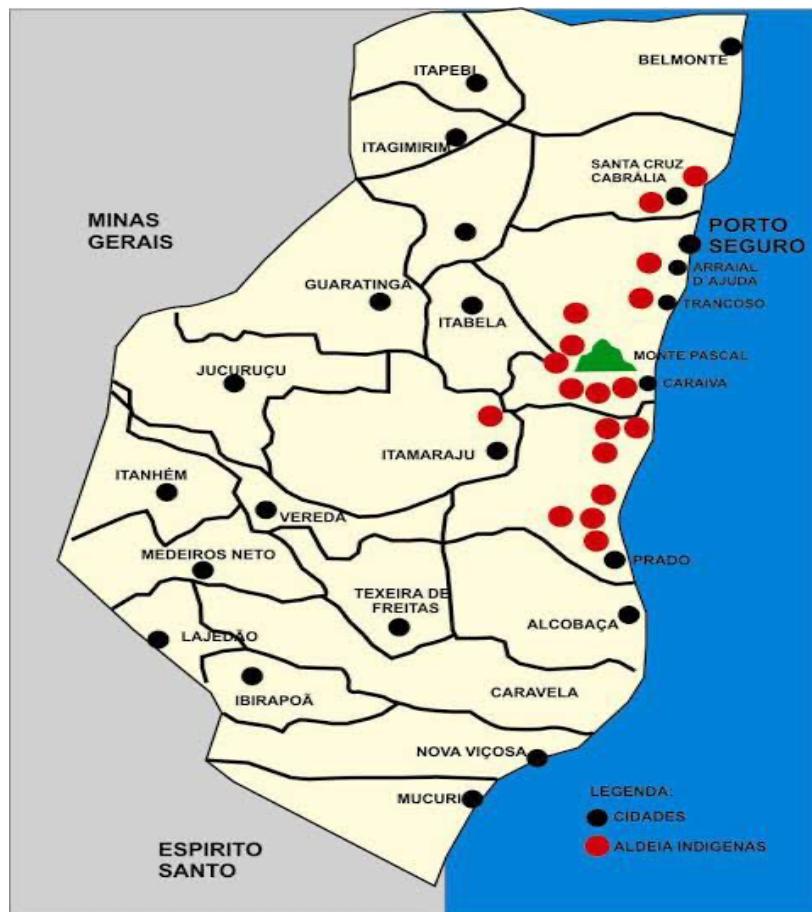


Figura 9 – Povo Pataxó na Bahia. Fonte: <https://images.app.goo.gl/1oj4z5yvaxrgsfxy7>

## 2.2. Aldeia Velha

Com ocorrido na Aldeia Barra Velha, muitos acabaram morrendo devido as torturas sofridas pelos policiais. Vários indígenas que conseguiram fugir acabaram se escondendo em matas e muitos fugiram para cidades próximas a comunidade de Barra Velha. Esses indígenas por muito tempo esconderam suas raízes indígenas, com receio de uma nova perseguição.

Em 1992, Ipê, Silvino Lopes do Espírito Santo, reuniu cerca de 46 famílias indígenas desaldeados devido ao fogo de 1951. Para a retomada da terra, eles se reuniram em uma área de mata que até então pertencia a fazenda Santo Amaro. O dono da fazenda ficou sabendo dessa tentativa de retomada e acionou a justiça e, com duas semanas no território, os indígenas receberam a visita de um oficial de justiça com alguns policiais militares que os retirou do local.

Mas no ano 1998, recomeçou a luta pela terra. Naquele momento, Ipê e os indígenas tiveram o apoio do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e também do Grupo de Apoio aos Índios Pataxó (GAIPA), que forneceram alimentos para o grupo. Outro parceiro importante foi o advogado tupi-guarani, Taiguã. Por conter sítios arqueológicos, a comunidade passou a se chamar Aldeia Velha.



*Figura 10 - Reserva Aldeia Velha. Fonte: Ducavalery, 2007.*

Devido os indígenas serem desaldeados, os costumes tradicionais sofreram grandes mudanças. A questão cultural foi enfraquecida, assim como o respeito às lideranças e aos anciões e o cuidado ambiental. Com o tempo chegaram no território indígenas de outras comunidades, contribuindo para que a questão cultural fortalecesse.

Essa realidade reflete atualmente dentro da comunidade. Algumas famílias praticam infrações na comunidade, desrespeitam membros e lideranças, causando alguns conflitos internos. São conflitos que acontecem desde do início da conquista da comunidade até os dias atuais.

### 2.3. Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Com a criação da Constituição de 1988, que assegura as comunidades indígenas o uso de suas Línguas maternas e processos próprios de aprendizagem e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Escolar Indígena, entre outros documentos, formalizou-se a demanda pela formação de professores indígenas. A educação escolar indígena deve ser intercultural,

bilíngue, específica e diferenciada e isso demanda uma formação específica de educadores, de modo que possam exercer uma educação qualificada em benefício das crianças, jovens e adultos indígenas.

A partir dessa realidade, criou-se, entre o final dos anos 1980 e o início da década de 1990, em várias regiões do Brasil, Cursos de Formação de Professores Indígenas em nível de Magistério. No ano de 1993, as professoras Márcia Spyer e Zélia Rezende, juntamente com outros parceiros, formularam uma proposta de implantação de escolas indígenas no estado de Minas Gerais.

Em 1995, foi realizado o primeiro encontro para a realização de um programa com participação de representantes dos Povos Xacriabá, Krenak, Maxacali e Pataxó. O encontro aconteceu no Parque Nacional do Rio Doce, e nele se apresentou uma proposta de formação que abordasse os bases legais e conceituais da educação escolar indígena; a construção de uma pedagogia indígena; e o currículo diferenciado. Nascia ali o Programa de Implantação das Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI-MG).

O projeto de formação de professores foi batizado de *uhitupe*, “alegria”, em Maxacali, e se iniciou em janeiro de 1996. Democraticamente, elaborou-se uma proposta experimental, diferenciada, bilíngue e intercultural para formação específica dos professores de cada povo indígena Mineiro. Na primeira turma PIEI se formaram, em 1999, sessenta e seis professores dos povos Xacriabá, Krenak, Maxacali e Pataxó. Em novembro de 2004, uma nova turma, com setenta professores, concluiu a formação, sendo 136 o número de educadores indígenas formados pelo PIEI no estado de Minas Gerais.

Os alunos do Curso reivindicaram uma continuidade de seus estudos, demandando a formação em nível Superior, motivando a criação do FIEI Prolind.

No ano de 2001, a UFMG iniciou um processo visando atender as demandas por formação universitária dos indígenas. Os anos de 2003 e 2004 foram ricos em debates na instituição sobre o Ensino superior Indígenas. No ano de 2006, inicia na Faculdade de Educação, o curso: “Formação Intercultural de Professores: curso especial de graduação para educadores de Minas Gerais”, garantindo o ingresso de 142 professores indígenas de Minas Gerais na UFMG.

O REUNI<sup>1</sup> chega como a possibilidade de tornar essa formação especial, um curso regular da Faculdade de Educação. Através dessa reforma, em 2009 surge o curso regular de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da FaE/UFMG, configuração que possibilitou a abertura de vagas para indígenas de outros estados. O Curso se organiza em quatro habilitações: Línguas, Artes e Literaturas (LAL); Matemática; Ciências da Vida e da Natureza (CVN); Ciências Sociais e Humanidades (CSH).

Ao longo dos anos, o FIEI se consolidou respeitando as várias formas de uso das línguas indígenas, as especificidades de cada população indígena e os conhecimentos tradicionais dos povos.

---

<sup>1</sup> No ano de 2007, o governo federal criou um Programa de Reestruturação da Universidade, o REUNI, buscando melhorar a qualidade de ensino, aumentar o número de matrículas nos cursos de graduação e aprimorar as estruturas das Universidades públicas.

### **3. METODOLOGIA**

Neste trabalho foram entrevistados seis estudantes egressos do Curso FIEI. As entrevistas foram realizadas com egressos de diferentes comunidades, habilitações e anos de ingresso / formatura.

Realizei entrevista com indígenas de comunidades de quatro dos sete territórios indígenas Pataxó do Sul da Bahia. As pessoas foram escolhidas a partir das conversas com os meus orientadores, buscando representações geográficas, de tempo, de habilitação e de áreas de atuação.

De Barra Velha, Porto Seguro, foi entrevistado Genival Conceição Dos Santos, que cursou a habilitação Ciências Sociais e Humanidades (CSH), no período de 2009 à 2013. De Aldeia Velha, Porto Seguro, foram entrevistados Aline Silva de Andrade, da habitação Línguas, Artes e Literatura (LAL) estudante entre os anos de 2012 e 2016; Kevin Robert Dias Santos, da habilitação Matemática, no período de 2014 a 2018; e Maricéia Meirelles Guedes (Ahnã Pataxó), que cursou a habilitação Ciências da Vida e Natureza (CVN), entre 2019 e 2023. De Coroa Vermelha, Santa Cruz Cabrália, foi entrevistada Bruna Sales Monteiro (Mihaywere), que se vinculou a habilitação em Matemática entre os anos de 2018 e 2022. Por fim, da Aldeia Mirapé, Porto Seguro, foi entrevistado Antônio César da Conceição Braz, aluno do PROLIND no período 2006 a 2011.

As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro (em anexo), que buscou abordar a relação da Formação com as suas trajetórias e com as suas comunidades.

## 4. OS PATAXÓ DO SUL DA BAHIA NO FIEI

### 4.1. Primeiros estudantes

Os primeiros Pataxós do Sul da Bahia que ingressaram na Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), eram da comunidade de Barra Velha. Para ingressar na Universidade, eles tiveram que se deslocar da aldeia mãe até Belo Horizonte, onde realizaram a prova de ingresso na UFMG. Na ocasião, foram sete indígenas aprovados para a habilitação em Ciências Sociais e Humanidades, no ano de 2009. Esses alunos foram: Gilmar da Conceição, Aurenilson da Conceição, Kaiones Braz, Genival Conceição, Romário Braz, Vanúzia Bomfim e Maria Aparecida.

Inicialmente, esses estudantes não tinham o costume de sair de sua comunidade, mas não se intimidaram e foram em busca de seus sonhos. A partir das aprovações, eles iniciaram as lutas pela permanência na Universidade. Eles passaram a frequentar um lugar totalmente diferente do que eles estavam acostumados no que diz respeito ao clima, à alimentação e à cultura, além de estarem longe de suas famílias. Essa primeira turma não recebia auxílio para permanência ou tinha assegurada um espaço para se hospedar junto dos colegas. Eles ficavam em *hostel*s, junto de pessoas desconhecidas.

Ao vir para Belo Horizonte, eles usavam o transporte público, já que, na época, não existiam aplicativos de transporte e essa era a única alternativa de transporte a relativo baixo custo. Por essa razão, eles chegavam tarde no *hostel* em que estavam hospedados, dificultando a realização de suas atividades e trabalhos.

No segundo ano do curso eles foram em busca de outro local para se hospedar. Junto da turma da Matemática, a habilitação caloura daquele ano, se hospedou em um lugar vinculado à Igreja Católica, a Convenção Vicentino. Eles ficavam durante a semana neste local e nos finais de semanas, por conta dos eventos realizados pela igreja, precisavam de procurar um outro lugar para ficar. De acordo com relatos, o *hostel* de baixo custo localizado no centro da cidade de Belo Horizonte onde ficavam entre sexta-feira e domingo, era usado por pessoas para ter relação sexuais, tendo uma aparência de um bordel.

Nessa época, diante das dificuldades, com apoio dos professores - uma das coisas que os alunos das primeiras turmas elogiam muito é o acolhimento dos professores do Curso – conseguiu-se um auxílio financeiro para manutenção na cidade. Após muitas reivindicações, em 2013, os alunos passaram receber a bolsa permanência<sup>2</sup>, com isso eles tinham recursos que ajudavam na hospedagem, transporte e alimentação.

Inicialmente, os alunos ficavam em locais que escolhiam, sendo comum que grupos com mais afinidades ficassem em um mesmo lugar. Mas houve uma situação de um roubo aos estudantes, que fez com que o Colegiado procurasse um espaço que pudesse hospedar todo o grupo. Foi assim que começaram a se hospedar no L'Space, hotel que fica nas proximidades da UFMG. Muitos indígenas não gostaram muito do espaço, mas esse era um local mais seguro.

#### 4.2. Entrevistados

Como anteriormente mencionado, neste Percurso Acadêmico, entrevistamos seis estudantes egressos da Formação Intercultural para Educadores Indígenas. São pessoas que se formaram entre os anos de 2011 e 2023 nas diferentes habilitações do Curso e que hoje atuam em diferentes áreas.

---

<sup>2</sup> Programa de ajuda financeira a estudantes indígenas e de outras comunidades tradicionais que visa à sua manutenção em cursos de graduação. O Programa foi criado em 2013.



Figura 11 - Ahnã Pataxó. Fonte: Arquivo da entrevistada.

Nome: Mariceia Meirelles Guedes (Ahnã Pataxó)

Idade: 44 anos

Comunidade: Aldeia Velha

Terra indígena (TI): Aldeia Velha

Habilitação: Ciências da Vida e da Natureza (CVN)

Período de realização do Curso: 2019 a 2023

Recurso: Bolsa permanência – R\$ 900,00 mensais

Ocupação: professora e vice-cacica

*A escola é o coração de uma comunidade, é onde perpassam todos os assuntos socioambientais, socioculturais. Ao estar dentro da escola, eu acredito, que qualquer liderança vai fortalecer a questão da identidade e personalidade dos jovens e adolescentes que estudam nesse local, né? Mas desde antes de estar como professora na escola, eu sempre trabalhei como voluntária nos intercâmbios com as outras escolas não indígenas, recebendo outras pessoas na nossa comunidade.*  
*(Entrevista com Maricéia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó)*



Figura 12 - Mihaywere. Fonte: Arquivo da entrevistada.

Nome: Bruna Sales monteiro (Mihaywere)

Idade: 27 anos

Comunidade: Coroa Vermelha

Terra Indígena (TI): Coroa Vermelha

Habilitação: Matemática

Período de realização do Curso: 2018 a 2022

Recurso: Bolsa permanência – R\$ 900,00 mensais

Ocupação: estudante de enfermagem

*Eu faço parte do grupo Mayô Upã Pakhê, que é um grupo de cultura da minha comunidade. A gente tem como visão estar cuidando e preservando nossa cultura, sendo verdadeiro guardiões. Eu sou bem ativa nos movimentos, sempre que tem algum movimento que eu possa estar participando eu participo. Atualmente, estou um pouquinho afastada por conta que estou cursando uma outra graduação, eu mudei de área estou na área da Enfermagem, o que às vezes me impossibilita um pouco estar presente nos movimentos de luta. (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere)*



Figura 13 - Kevin Pataxó. Fonte: Arquivo do entrevistado.

Nome: Kevin Robert Dias Santos

Idade: 28 anos

Comunidade: Aldeia Velha

Terra Indígena (TI): Aldeia Velha

Habilitação: Matemática

Período de realização do Curso: 2014 a 2018

Recurso: Bolsa permanência – R\$ 900,00 mensais

Ocupação: bombeiro militar

*Hoje eu não faço parte da escola. Eu lecionei na escola de 2017 até 2021, só que passei em um concurso público de bombeiro militar e aí tive que sair da escola. Mas até então sempre fui ativo nos movimentos indígenas dentro da comunidade e na escola, apesar de não estar mais como professor na Escola Indígena Pataxó de Aldeia Velha. Ainda assim participo dos eventos que acontecem na escola, como os jogos infanto juvenis, que acontecem a cada ano, eu sempre ajudo a minha mãe, que é professora. Faço parte de alguma equipe todo ano. Tem a festividade também do dia 29 de abril, que acontece na comunidade que eu participo. Quando posso também participo de apresentações culturais do grupo de cultura que tem aqui na comunidade. (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos)*



Figura 14 - Antônio César da Conceição Braz. Fonte: Arquivo do entrevistado.

Nome: Antônio César da Conceição Braz  
Idade: 48 anos  
Comunidade: Aldeia Mirapé  
Terra Indígena (TI): Ponta Grande  
Habilitação: Ciências da Vida e da Natureza / Matemática (Prolind)  
Período de realização do Curso: 2006 a 2011  
Recurso: não recebia recurso. A Funai arcava com o transporte e a Secretaria de Educação, em parceria com a UFMG, arcava com a hospedagem e com a alimentação nos finais de semana  
Ocupação: diretor escolar

*Fizemos o [Ensino]Fundamental dois também no município, que lá na aldeia não tinha o Fundamental dois e gente tinha que se deslocar para a cidade. Eram sete quilômetros que a gente ia andando para poder chegar até a cidade e retornava à noite também andado. Era umas nove horas da noite que a gente retornava para casa para a aldeia. Então era um percurso muito complicado. Teve um tempo que até parei porque época de chuva não tinha nem como ir. Era eu e minha irmã na época e mais outros colegas que a gente ia em companhia até Carmésia. (Entrevista com Antônio César da Conceição Braz).*



Figura 15 - Aline Pataxó. Fonte: Arquivo da entrevistada.

Nome: Aline Silva de Andrade

Idade: 32 anos

Comunidade: Aldeia Velha

Terra indígena (TI). Aldeia velha

Habilitação: Línguas, Artes e Literatura (LAL)

Período de realização do Curso: 2012 a 2016

Recurso: inicialmente, recebeu ajuda de custo de (R\$ 2.400,00). A partir de 2013, passou a receber bolsa permanência (R\$900,00)

Ocupação: professora.

*O FIEI pra gente, assim, pelo menos para mim, para a minha pessoa, eu falo que foi o pontapé. Para início, assim, de da minha formação acadêmica, me despertou outros olhares em relação a quando a gente não está na Universidade. A gente tem uma visão quando a gente entra da questão da educação escolar indígena, que a gente deve trabalhar, né? É bastante importante e às vezes faz repensar. Às vezes a gente fala tanto que a gente tem direito e às vezes a gente não está buscando esses conhecimentos. Tá vindo de fora, mas é algo que a gente precisa praticar dentro das nossas escolas. (Entrevista com Aline Silva de Andrade).*



Figura 16 - Genival Pataxó. Fonte: Arquivo do entrevistado.

Nome: Genival Conceição dos Santos

Idade: 46 anos

Comunidade: Barra Velha

Terra indígena (TI): Barra Velha

Habilitação: Ciências Sociais e Humanidade (CSH)

Período de realização do Curso: 2009 a 2013

Recurso: Recebia uma ajuda de custo, mas não se lembra do o valor.

Ocupação: coordenador pedagógico.

*E como eu falei, eu fui através de vestibular. A gente saiu daqui um dia antes do dia do vestibular e, assim, a gente foi com um objetivo de passar mesmo no vestibular com o objetivo de aperfeiçoar mais. O grande objetivo da ida nossa realmente foi essa de fazer o vestibular, tentar passar... E melhorar mesmo... Tanto no conhecimento pessoal da gente, quanto profissional para trabalhar nas nossas próprias escolas visando o fortalecimento da cultura e dos movimentos. (Entrevista com Genival Pataxó).*

### 4.3. Trajetórias dos Egressos

#### 4.3.1. Ingresso

Como relatado anteriormente, inicialmente, a Formação Intercultural era destinada aos povos indígenas do estado de Minas Gerais. Mas em 2009, a UFMG abriu vagas para indígenas de todo o Brasil. Ao longo desses anos, a Universidade recebeu indígenas de diversos povos do Brasil, incluindo os do Sul da Bahia, enriquecendo ainda mais essa interculturalidade.

*Depois que nós terminamos o curso, acho que o próximo o ano seguinte quando abriu acho que já foi a turma de Barra Velha e foi outras aldeias também, se eu não me engano foi assim mesmo. Mas foi uma conquista mesmo. A gente ajudou a brigar com eles para poder ser aberto a todos. (Entrevista com Antônio César da Conceição Braz).*

*Então na época tinha um parente que ele morava lá em Minas, né? Um parente nosso que ele viveu um tempo lá numa das Comunidades lá em Minas e lá ele já fazia um curso do PROLIND Chamava esse nome. E aí quando ele estava lá fazendo esse curso que também é formação de professor, né? Surgiu esse vestibular para indígenas, formação para professor indígena e aí ele mais algumas pessoas lá da Universidade, né? Que já vinha tempo já fazendo esses encaminhamentos, né? de proposta de formação de professor indígena. Ele já trabalhava até mesmo em outras comunidades, não sendo Pataxó, mas lá em outros povos lá de Minas, eles acharam por bem trazer essa proposta para aqui, né? E aí foi quando eles lá conseguiram um meio de chegar uma pessoa até aqui a gente junto com esse parente Pataxó também e foi a partir daí que a gente teve o conhecimento, né? da proposta da Federal de Minas com esse curso de formação de professores foi a partir daí que a gente teve esse conhecimento. (Entrevista com Genival Pataxó).*

De acordo a pesquisa realizada, podemos perceber as diversas razões de escolhas do Curso pelos entrevistados. Alguns ex-alunos disseram que seu interesse surgiu a partir do que eles ouviam em relação à Formação, despertando interesse de conhecer de perto o Curso.

*O processo do ingresso no FIEI, assim eu tinha muita curiosidade, né? Eu já tinha feito uma outra licenciatura que é aqui no IFBA, que é a LINTER. E tinha vários parentes meus que faziam a licenciatura da UFMG, e comentava muito sobre esse*

*acolhimento lá na faculdade. (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó).*

Houve também situação de egresso que recebeu incentivo da família para entrar na Universidade, por fazer parte de uma família de educadores.

*Minha mãe é professora, então, assim, minhas tias são professoras, então todas me incentivaram estar fazendo o vestibular para poder fazer a formação intercultural. Eu achei uma boa, aproveitei a oportunidade, me inscrevi, fiz a prova e passei, né? (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

Tem situação de estudantes que realizou o vestibular porque se identificou com a habilitação oferecida no ano que prestou vestibular, embora não tivesse pretensão de atuar em sala de aula. Isso mostra que realmente o ingresso no FIEI tem várias motivações.

*E sobre a habilitação também do curso, que seria Matemática, isso me animou a fazer o processo seletivo. Matemática é uma disciplina que eu sempre tive facilidade na escola, eu sempre gostei e sempre tive contato com a disciplina por ter um pai professor de Matemática também. Isso me motivou e me ajudou na escolha de prestar o vestibular do FIEI naquele ano. (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos).*

Se tornou comum no FIEI o ingresso de pessoas que não tinham intenção de atuar no campo da educação. Mas existem, sim, casos de pessoas que atuavam na educação indígena e se inscreveram na Formação para se capacitar, melhorar seu desempenho profissional.

As relações no território parecem ter papel fundamental no ingresso no Curso. Aline Silva de Andrade, por exemplo, não sabia que tinha uma formação voltada para o ensino cultural indígena e foi incentivada por uma liderança, Guiu Pataxó, a ingressar no Curso.

*Foi Guiu quem falou, Guiu Pataxó. Ele falou com minha mãe se a gente não tinha interesse em fazer a inscrição da UFMG, a gente nem fazia ideia, né? A gente já tinha concluído, tanto eu quanto minha irmã, Silvana, já tinha concluído o Ensino Médio e a gente não tinha perspectiva nenhuma de entrar numa faculdade. A gente não tinha é nenhuma visão assim de ingressar. E aí foi*

*quando ele falou e aí eu animei assim, né? (Entrevista com Aline Silva de Andrade).*

Diferente do Genival, que foi, autonomamente, em busca de uma melhora como profissional, e se aperfeiçoar no meio da educação, conforme relato:

*Aprendendo lá, né? A gente sempre procurou fortalecer mais ainda com as nossas presenças e visando a nossa comunidade, né? Que é para isso que nós estamos lá: aprender mais, aperfeiçoar mais o conhecimento para, de alguma forma, passar esses conhecimentos aqui para a nossa comunidade. Seja em sala de aula, seja de forma geral. (Entrevista com Genival Pataxó).*

Como foram diferentes as razões de ingresso no Curso, cada entrevistado também viveu experiências próprias, embora, muitas vezes atravessadas por aspectos comuns, de permanência no FIEI.

#### 4.3.2. Permanência

A permanência em qualquer Universidade é algo difícil e se tratando de uma Universidade localizada em um estado diferente daquele a que os estudantes pertencem, como é o caso dos Pataxó da Bahia, as dificuldades são ainda maiores. Há o desafio da adaptação ao território e ao clima, o medo da violência, a saudade e muitas outras coisas. Assim, para um estudante permanecer no Curso é necessário ter resiliência e apoio das famílias e dos colegas.

Na permanência dos estudantes, é nítido que as mães e as mulheres grávidas, são as que mais enfrentam dificuldades. Para as mães, lidar com a saudades dos filhos é algo indescritível. Essa distância mexe muito com o psicológico delas. As mulheres grávidas passam por mudanças de humor, ficam mais sensíveis. Além disso, quando estão em Belo Horizonte, não podem receber o cuidado que estariam recebendo de suas famílias na aldeia.

Mesmo quando levam os filhos, as mulheres enfrentam muitos desafios.

*Então, quando eu fui minha filha foi comigo e lá ela passou mal. Aí eu ficava... eu sofria muito porque de noite eu não dormia e de dia eu estava cochilando na sala. Eu sofri muito! Já no*

*segundo semestre ela já não foi por conta que lá para ela o clima era muito ruim. (Entrevista com Aline Silva de Andrade)*

No FIEI, passamos por grandes dificuldades, mas os apoios e incentivos nos deixam mais tranquilos e ajudam a enfrentar a saudade de casa e da família.

*Várias vezes assim eu me peguei pensando em desistir, muitas das vezes tipo eu chegava da faculdade... teve dia de eu arrumar minhas coisas e eu ia embora e os colegas, né? Meus colegas e parentes que estava comigo falavam "não, não vai. Você vai conseguir." Tipo, incentivava a gente. Isso é algo que eu sempre achei bonito. Na minha turma mesmo a gente sempre foi muito unido. (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

Além da saudade familiar tem nossa adaptação com o clima e com a alimentação, que são totalmente diferentes do que estamos acostumados. Isso acaba nos deixando doentes.

*Sem dizer o clima. Ele me adoecia, né? Eu não era acostumada com o clima daqui de BH, vinha a questão também da alimentação que pra mim era muito difícil, né? Muito difícil porque a alimentação de Belo Horizonte é muito diferente da nossa alimentação na comunidade, por questão de tempero e tal, então assim era muito difícil pra mim (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

*Mas o outro lado também é a questão da alimentação, né? Porque, cara, quando você, por exemplo, é acostumado com uma questão alimentar dentro da Aldeia e você estar em um canto onde a alimentação é diferente é ruim demais, né? Na verdade, você tem que se adaptar à questão alimentar, (Entrevista com Antônio César da Conceição Braz)*

São hábitos que sofrem algumas alterações no período que estamos fora de nossas comunidades e cidades, que são bem pequenas relacionadas a Belo Horizonte.

A inexistência de espaços de estadia que seja apropriado para a realização de rituais, espaço de convivência e estudos fez com que os nossos entrevistados enfrentassem dificuldades em sua permanência no Curso. Reclamações relacionadas à qualidade e ao preço dos locais de estadia foram recorrentes nas entrevistas.

*Nós ficávamos em um hotel, que também não é um lugar muito adequado. Eu não gostei muito do hotel, da forma de tratamento e muitas outras coisas, (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó)*

*A questão financeira pesava porque muito cara a estadia em Belo Horizonte. (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

Sob essa perspectiva, as conquistas relacionadas a recursos financeiros, como a bolsa permanência, aparecem nas entrevistas enquanto fatores fundamentais para um percurso de melhor qualidade no Curso.

*Graças a Deus, quando eu entrei, já entrei recebendo a Bolsa Permanência isso ajudou bastante. Umas das dificuldades era em relação a moradia, né? Seria bastante interessante se a Universidade disponibilizasse de uma moradia estudantil para nós indígenas, mas ouvindo as histórias dos colegas que passaram por lá antes da gente, percebemos que com a bolsa permanência, ajudou bastante. Se estava difícil com a bolsa permanência, para os colegas que passaram antes da gente foi mais difícil ainda, né? Eles não tinham bolsa, não tinham nada, só recebiam uma ajuda de custo. Se eu não me engano, era só a bolsa do PIBID, não tinha bolsa permanência, (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos).*

O subsídio à alimentação também aparece como fator fundamental para tornar a permanência dos estudantes no curso viável.

*Por mais que tenhamos dificuldade, a gente tem esses auxílios, né? Eu acho muito importante a bandejão, porque, assim, eu estudei no IFBA não tinha, a questão da alimentação, do bandeijão. (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó).*

A configuração da relação dos professores com os estudantes aparece de forma recorrente nas entrevistas enquanto um fator que torna a permanência no Curso menos desafiadora.

*E sem dizer que os professores né, os professores são muito acolhedores. Eu me recordo que a professora Ilaine teve um dia que eu estava desesperada assim chorando e dizendo “A professora eu quero ir embora” - porque minha avó tinha ficado internada e eu endoidei aqui querendo ir embora. Porque, assim,*

*é complicado saber, ficar longe da família e ainda ter algo assim - e ai foi a professora Ilaine que me acalmou, né? Ela era coordenadora do meu curso no tempo e conversou comigo. Então, assim, esse acolhimento dos professores também é muito essencial. É bem importante para estar nos ajudando a suportar esses 35 dias. Porque, assim, são 35 dias muito difíceis.* (Entrevista com Bruna Sales Monteiro – Mihaywere).

*Meu primeiro contato com a Universidade foi na UNEB em Salvador, e eu não me sentia em casa, me sentia um pouco retraído, não me sentia acolhido pela Universidade. E quando fui para UFMG me senti totalmente diferente, me senti totalmente acolhido pelos professores, pelos coordenadores. Foi uma sensação totalmente diferente.* (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos).

A relação, o diálogo com as lideranças indígenas também aparece nos relatos enquanto uma força do Curso que, por sua vez, tem impacto nas trajetórias dos estudantes.

*A gente levou sempre no diálogo. Pelo menos naquela época era frequente, assim, quando chegavam os representantes, no caso essas lideranças, ele sentavam com a gente antes de ter a reunião com os professores e com o colegiado para apresentar as nossas demandas.* (Entrevista com Aline Silva de Andrade)

Além dos aspectos estruturais, é preciso pontuar que para alguns dos entrevistados, a experiência do Curso foi atravessada pelo evento da Pandemia de Covid-19.

No ano de 2020, o mundo passou por uma pandemia e aqui no Brasil houve uma grande mudança, inclusive na educação em que a população brasileira teve que se adaptar ao um Ensino Remoto. Isso não foi diferente para os estudantes das Universidades e o FIEI passou por modificações de funcionamentos das aulas e mesmo de ingresso no Curso.

A prova do vestibular foi momentaneamente substituída pela elaboração de um memorial. Além disso, os estudantes já inscritos no Curso tiveram que aprender a usar a tecnologia. Com o ensino online, a aprendizagem se tornou ainda mais difícil, pois os estudantes indígenas não tinham uma relação próxima com as tecnologias digitais. Em muitos casos, inclusive, a qualidade da internet era ruim, dificultando a aprendizagem dos estudantes.

*E a gente estudou por dois anos aqui e pegou a Pandemia, o que foi algo muito difícil. Estudar remotamente, para mim, era um bicho de sete cabeça, porque tipo eu não tinha, vamos se dizer assim, eu não sabia muito mexer com coisas tecnológicas, né? Então, as aulas começaram ser remotas e foi muito difícil para mim. Quando é a aula presencial você está ali, você tira as suas dúvidas, você consegue pegar e tal, mas quando é remota... Eu, na minha visão, para mim, não é tão satisfatório você estudar remotamente, né? Eu tenho uma certa dificuldade. Então, para mim só prejudicou por conta disso. (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere)*

*Por exemplo, nós fizemos e apresentamos Estágio na época da pandemia. Na época da pandemia a escola estava fechada, e você fazer estágio e apresentar projeto de intervenção em época de pandemia foi muito difícil. Mas nossa turma conseguiu! Os professores são muitos atenciosos, conseguiram nos orientar de forma tranquila para que a gente pudesse avançar e que o nosso curso também não se atrasasse tanto. (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó).*

Também nessa experiência, a postura dialógica do curso e das pessoas nele envolvidas aparece enquanto fator que viabiliza a permanência na Formação.

A partir da experiência vivida, os entrevistados apontam caminhos, sugestões, reivindicações para o curso, para a Universidade e para as pessoas, conforme será discutido em tópico posterior.

Tendo apresentado aspectos das experiências vividas pelos entrevistados no Curso, são compartilhadas a seguir suas impressões quanto aos impactos da Formação.

#### 4.4. Impactos do FIEI

De acordo com os entrevistados, são vários os efeitos do FIEI nas comunidades do povo Pataxó da Bahia. Além da construção de uma relação intercultural entre conhecimentos tradicionais e científicos, o Curso promove uma grande troca entre os povos que fazem parte da Formação.

A Formação, segundo os entrevistados, fomenta um desenvolvimento pessoal e profissional para os estudantes, qualificando o ensino dentro das comunidades. Ademais, trazendo, de fato, um ensino diferenciado de qualidade,

o FIEI é responsável pela produção de trabalhos que retornam para as comunidades com novos materiais didáticos e de muitas qualidades.

Aline e Bruna, por exemplo, relatam os efeitos do FIEI em suas maneiras de se relacionar com as pessoas

*Então o FIEI, ele teve uma grande importância na minha vida, né? Eu sempre fui uma pessoa bem tímida, né? Então quando eu vir pra formação eu tive que aprender a falar em público, aprender me relacionar mais com pessoas, tanto do meu povo quanto pessoas não indígenas. Inclusive, assim, através do FIEI eu construir várias amizades, (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

*Para mim eu acredito que me ajudou muito a desenvolver a fala e esse medo de falar em público, eu era muito vergonhosa hoje ainda sou. Mas hoje eu tenho mais naturalidade de falar me deu mais uma autoconfiança na minha fala no que as aulas em si, né? Ajudava muito a gente debater, (Entrevista com Aline Silva de Andrade).*

O trabalho sob a perspectiva da interculturalidade entre saberes científicos e tradicionais produz, na opinião de parte do grupo, importantes efeitos, inclusive fortalecendo a cultura do povo.

*Aprendi muitas coisas principalmente em relação a você trabalhar os dois conhecimentos, né? A questão do conhecimento tradicional junto com o conhecimento científico a gente chega na Universidade com os nossos conhecimentos tradicionais e aprende bastante também o conhecimento ocidental, o conhecimento científico. E os professores ajudam bastante a gente saber mesclar os dois conhecimentos. (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos).*

*O FIEI também nos fez sistematizar várias linhas de pesquisas. Fez com que esse meio, que esse material se tornasse material pedagógico voltando para nossas comunidades. Então, o aprendizado que o FIEI construiu, que eu consegui construir no FIEI foi tudo isso, esse protagonismo, essa autonomia que a gente escreva nossa própria história. (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó).*

A partir do FIEI, muitos discentes retornam para as comunidades exercendo funções novas funções. Não atuam somente nas escolas, mas em vários outros espaços. Outros usam o conhecimento adquirido no Curso para

prosseguir em outros cursos e carreiras. São muitos, portanto, os efeitos da Formação.

Nas comunidades, o desejo de ingressar no FIEI é muito grande e isso se dá, em parte, pelas experiências que são compartilhadas pelos estudantes em seus territórios.

*O movimento que o FIEI faz dentro da nossa comunidade aqui de Aldeia Velha é que todo mundo quer chegar no FIEI. A gente chega falando tanto do FIEI, tanto das pesquisas, apresentando os nossos trabalhos, falando dos nossos trabalhos, que muitas pessoas fazem as provas e querem chegar no FIEI. (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó).*

A percepção predominante é a de que o curso tem o potencial de fortalecer a comunidade.

*Como eu falei né? o FIEI ele abre a nossa mente pra gente ajudar a nossa comunidade, buscar o conhecimento e ajudar nossa comunidade. (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos)*

Há a percepção de um fortalecimento cultural a partir do ingresso de alguns estudantes na Universidade. É comum que eles aproximem mais da cultura tradicional de seu povo devido os vários rituais e movimentos feitos no FIEI.

*A gente fazia os rituais toda sexta feira, né? no hotel L'space onde a gente ficava, e era os rituais que também me fortalecia, porque é o que eu sempre falo se o espírito da gente tá forte a gente continua forte, então assim era uma renovação pra mim ser acalentada, vamos se dizer assim, pelos meus naô (espírito). (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

Especificamente no campo da educação, área prioritária da formação, são relatadas trocas de conhecimento “entre” e “intra” povos, fortalecendo os conhecimentos de cada indígena.

*Eu acho que depois do curso a gente teve assim é umclareamento melhor sobre a questão mesmo de educação, né? (Entrevista com Antônio César da Conceição Braz).*

*Para aquelas pessoas que não têm muita ligação com a questão cultural, acredito que mostra outra visão. Eu vejo por algumas pessoas da nossa escola mesmo que a maioria hoje são*

*formados pela UFMG. A maioria, então, assim, eu vejo algumas pessoas têm outra visão hoje do que é educação escolar indígena. Não vou dizer que é 100% porque tem pessoas que têm a mente fechada, mas ajuda muito mesmo ampliar essa visão do de que o tradicional tem que estar incluso. (Entrevista com Aline Silva de Andrade).*

São compartilhadas mudanças nas metodologias e práticas de ensino a partir do Curso.

*Muitos alunos do FIEI às vezes não tinham o conhecimento de como atuar na sala de aula, né? Então, a partir desse ingresso que você teve e junto a UFMG e dos conhecimentos que você teve de outras comunidades de outros povos que a gente não conhecia, eu acho que ajudava a clarear mais como atuar dentro da sala de aula, né? (Entrevista com Antônio César da Conceição Braz)*

Além disso, há a percepção de que o Curso fortalece a relação da escola com a comunidade.

*Me recordo de um trabalho que a gente fez na nossa escola, Escola estadual de Coroa Vermelha, que foi um projeto como se fosse o Estágio. Aí gente desenvolveu o projeto de valorização de algumas modalidades de jogos indígenas. A gente tem os jogos indígenas na nossa comunidade, que é um momento de celebração, festa pros parentes, né? De forma de valorizar também as nossas brincadeiras, e esse projeto a gente visou valorizar algumas modalidades, a gente não fez de todas as modalidades. (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

Os trabalhos de Percurso são materiais que acabam se tornando materiais didáticos muitos ricos, com diversos temas envolvendo as questões tradicionais e ocidentais que são utilizados pelos professores, enriquecendo esse conhecimento diferenciado e com muita qualidade.

*Aqui a gente tem vários trabalhos dos colegas que passaram pelo FIEI que ajudam bastante e servem de material escolar também. Tem trabalho relacionado aos jogos infantjuvenis, que enriquece bastante nossa comunidade. Meu trabalho mesmo, que fala sobre o crescimento populacional de Aldeia Velha, a gente sabe que ele ajuda a entender os na comunidade, seja na questão da saúde, na questão da água, dos recursos elétricos. Então, os trabalhos acadêmicos de certa forma ajudam bastante a gente a lidar com certos desafios que vai aparecer. (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos)*

#### 4.5. Méritos e demandas

Os indígenas que passaram pela Formação elogiam muito o Curso e também a UFMG. A formas que os alunos das formações são tratados por cada profissional da Universidade, sejam eles seguranças, os funcionários da manutenção e da limpeza, os próprios professores, é algo muito elogiado por todos.

*E assim um outro ponto positivo são os professores, né? Os professores do FIEI eles são muitos acolhedores. Eles são muitos amigos. Nossa, eles dão um suporte muito bom quando a gente vem estudar. Tanto eles, quantos todos os profissionais ali da FAE, né? Desde a segurança, a pessoa ali dos serviços gerais, todos são muitos acolhedores com a gente, (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere)*

Além disso, as metodologias de ensino, respeitando cada especificidades de cada povo que frequenta o Curso e a inclusão dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas em seus ensinos, são pontos avaliados positivamente.

*Quando os professores saem lá de Minas Gerais que vem para nossas comunidades esse é um ponto muito positivo, (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó)*

As lideranças são apontadas não apenas como parceiros importantes, mas são percebidas pelos estudantes como parte fundamental do Curso sendo, inclusive, responsáveis por muitos de seus avanços.

*Então acho que uma coisa positiva aí foi na verdade a conquista das lideranças. Porque se não fosse eles estarem sempre buscando o melhor para os professores indígenas da região nesse período a gente não tinha esse direito (Entrevista com Antônio César da Conceição Braz).*

Os seminários temáticos são atividades avaliadas de maneira muito positiva pelo grupo.

*Algo que eu gosto bastante do FIEI é os seminários, né? Cada módulo que a gente ia lá era seminários com temas relevantes.*

*Gosto bastante dos seminários que acontecem no FIEI.  
(Entrevista com Kevin Robert Dias Santos).*

Algo que também que foi elogiado pelos indígenas foi a abertura que a Universidade dá para relatar demandas para melhorar o Curso. Isso faz com que a cada módulo realizado sejam observadas melhorias significativas.

*Sempre quando a gente tinha algo para falar a gente falava nas assembleias, questionava e sempre era, pelo menos na maioria das vezes, era atendido. (Entrevista com Aline Silva de Andrade)*

A Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), é uma formação que é muito elogiada, mas há, na percepção do grupo entrevistado, melhorias para serem realizadas.

Como anteriormente relatado, a moradia é uma demanda comum aos estudantes. Reivindica-se um local apropriado para que os estudantes possam se hospedar.

*Como eu já falei anteriormente, em outra pergunta, eu falo que é só negativo é a gente não ter um local para ficar. Sair sem saber em qual hotel iremos ficar, se esse hotel é acolhedor... Então, o ponto negativo é que a gente não tem esse lugar direcionado que nos dar uma tranquilidade, que nos dá um alívio psicológico, uma segurança melhor. (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó).*

Outra reivindicação é em relação à inclusão de professores indígenas nos cursos do FIEI.

*Eu acho que o FIEI vai melhorar bastante. Já é um curso de excelência, mas vai ser mais benéfico ainda quando tiver um professor indígena lá, fazendo parte do quadro de professores do FIEI (Entrevista com Kevin Robert Dias Santos).*

Houve também demanda por maior ênfase em conhecimentos científicos no Curso.

*Eu vejo que está certo essa formação voltada para o tradicional, mas também não pode se esquecer do lado ocidental. Porque eu digo assim teve um episódio que eu fiquei um pouco chateada, né? A gente tinha que fazer uma aula e tal. Era a minha primeira aula que eu tinha feito pro trabalho para apresentar, né? E aí professora não gostou muito, porque eu trouxe uma parte da Matemática sobre o  $\pi$  e tal, e aí ela não*

*gostou muito e ela falou que deveria ser uma aula com o saber tradicional daquele assunto. (Entrevista com Bruna Sales Monteiro - Mihaywere).*

A maior proximidade entre Curso, FUNAI e SESAI, parece ser fundamental sob o olhar dos estudantes.

*Também posso dizer pra vocês assim talvez como ponto negativo também, essa ausência da SESAI e da FUNAI. Seria importante ter uma maior assistência, nem que seja nesses períodos de participação, da presença em loco dos parentes aí em Minas Gerais. A FUNAI e a SESAI deveriam dar um pouco mais de assistência. (Entrevista com Mariceia Meirelles Guedes - Ahnã Pataxó)*

Além de avaliarem e sugerirem caminhos relacionados ao Curso, os entrevistados também refletiram sobre sua participação na Formação. Aline, por exemplo, reflete sobre o histórico da conquista do direito à formação em nível superior para professores indígenas e reitera a importância das pessoas que acessam esse direito contribuírem, de forma ativa, com a sua comunidade.

*Assim uma mensagem que eu queria que você deixasse é porque às vezes a gente só aponta para Universidade que tá errando, mas a gente precisa também valorizar nós indígenas. Precisamos valorizar essa oportunidade que nós temos né? Algo que eu nunca esqueço na mensagem que Ahnã deixou no meu percurso é que essa luta é uma luta que vem dos nossos mais velhos. A gente precisa valorizar esses momentos de graduação e muitas vezes nós falhamos, né? Nós precisamos ir para lá não para “oba, oba”, e sim para trazer para a nossa comunidade o Retorno, né? Porque é por isso que as nossas lideranças assinam uma declaração. Elas esperam de nós que a gente possa valorizar esse conhecimento que a gente busca na Universidade para a gente voltar e dar o nosso melhor para nossa comunidade. Então, acho que isso deve ser bem enfatizado porque não adianta a gente só apontar o que estar errando a Universidade e nós estamos fazendo o quê, né? Então é algo que eu sempre pensei quando eu estava lá era isso, né trazer o melhor para minha comunidade e representar bem eles lá. (depoimento de Aline Silva de Andrade).*

O depoimento de Aline nos ajuda a pensar que a qualidade do Curso e de seus efeitos é uma tarefa coletiva e intercultural.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar dos Impactos do FIEI nas comunidades indígenas Pataxó é muito importante para o povo e para o movimento indígena. Por outro lado, é preciso também identificar aspectos que precisam ser melhorados na Formação.

Sob essa perspectiva, neste trabalho busquei abordar os impactos que a formação intercultural Para Educadores Indígenas (FIEI) causa nas trajetórias pessoais e nas comunidades Pataxó.

A educação sempre foi algo que os mais velhos do povo Pataxó sempre sonharam para as novas gerações. Pelo fato de que as lutas físicas com suas burdunas, takape (lança), e o arco e flechas, não serem mais eficazes como antes, com o passar do tempo eles passaram a ter um contato com a escrita, mas a falta de leitura fez com que os não indígenas enganassem nossos anciãos.

A Constituição 1988 nos assegurou o direito à uma educação escolar específica e diferenciada para que as crianças indígenas pudessem ter o acesso a escrita e leitura de qualidade respeitando nossas tradições e Língua, respeitando nossos costumes e também nossas crenças. Com a conquista da escola, a luta continuou, agora por vagas nas Universidades.

Nesse cenário, após vários programas de magistério em 2009 se inicia uma formação intercultural na UFMG. Nela, os alunos, futuros licenciados, iriam aprender os conhecimentos científicos, e também os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas.

A Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), trabalha muitos com esses dois saberes, que são importantes para as escolas em nossas bases. E, desde então, esse Curso vem trazendo melhorias na educação indígena, fortalecendo nas lutas do povo e também pessoalmente para aqueles indígenas que cursam ou que já cursaram o FIEI.

Na educação, atualmente houve uma grande mudança em relação a falta de professores indígenas sem graduação. Hoje, os professores já são graduados, e são poucas as escolas que ainda têm professores não indígenas.

As metodologias de ensino também sofreram mudanças. Antes, com professores não indígenas, o ensino não se orientava pela matriz curricular

diferenciada. A participação dos Pataxós na Formação intercultural fez com que os professores incluíssem outros saberes e metodologias, muitas delas experimentadas no próprio FIEI.

No FIEI, os alunos têm a oportunidade de aprender novos conceitos de ensino com os diversos povos que tem no Curso, valorizando ainda mais essa interculturalidade e o multilinguismo.

O aprendizado é ainda mais enriquecido com visitas em escolas do município de Belo Horizonte, o que nos mostra que as escolas da cidade também têm suas especificidades, fazendo, assim, com que os professores indígenas estejam cada vez mais atentos ao que cada comunidade tem a oferecer. Isso faz com que as escolas tenham ainda mais uma conexão com a comunidade e moradores.

Os trabalhos de Percurso feitos na Universidade, com temas variados, valorizam as riquezas de cada território e as histórias de luta de cada comunidade. Esses trabalhos produzidos pelos estudantes retornam para nossas aldeias como materiais didáticos, que podem ser trabalhado em sala de aulas nas turmas de Ensinos Fundamental e Médio.

Os alunos do FIEI também participam de seminários temáticos, o que também os ajuda a construir saberes e metodologias para a escola e para além dela. Os temas abordados se relacionam com as Línguas maternas, com a interculturalidade, com a educação, com a demografia, com a saúde, entre outros muitos assuntos.

Além de promover mudanças na educação, o Curso faz com que alunos também mudem suas posturas. Normalmente os indígenas chegam no Curso com uma certa timidez, com pouco diálogo e dificuldades na leitura e escrita de textos acadêmicos. Ao longo do Curso, os professores trabalham para que os alunos possam mudar sua postura, tanto em sala de aula como em debates fora das escolas, ajudando muito nas lutas do povo.

Os povos indígenas do Brasil estão sempre em movimento em busca de melhorias para o povo. Os indígenas estão em constantes reuniões em busca das melhorias na educação, saúde, territórios, abastecimentos de águas e vários outros benefícios para os indígenas e comunidades. Para que esses benefícios cheguem em nossas comunidades é importante que sejam relatadas todas as dificuldades e problemas, através de documentos bem elaborados detalhando

dessas carências que ocorre dentro das aldeias. Para elaborar um bom documento é preciso ter domínio da escrita e conhecer as necessidades do território, para realizar as cobranças pontuais.

No FIEI, os professores trazem para as salas de aulas todos os atos que estão acontecendo no Brasil relacionados aos povos indígenas, fazendo com que os estudantes entendam sobre estes movimentos e o que pode afetar negativamente aos povos de regiões mais afastadas e nossas regiões. São organizados debates e caminhadas com faixas e cartazes dentro da Universidade para que a comunidade da UFMG conheça um pouco da realidade indígenas. Essas ações são levadas para as nossas lutas na base.

O Curso também é importante para a área da cultura. O FIEI nos ajuda muito fazendo com que tenhamos um conhecimento amplo dos povos originários do país. Essa Formação se fortalece com os rituais que acontecem no campus e nos espaços em que ficamos hospedados. Tem muitos estudantes que em suas aldeias não se envolvem nas questões culturais e que, ao chegar no Curso, passam a interagir e participar dos rituais. Assim, o FIEI, de certa forma, ajuda seus alunos a desenvolver uma afinidade cultural e autuar na busca por melhorias e respeito do povo Pataxó.

Por meio das entrevistas, percebi que o Curso contribuiu para avanços no movimento indígena, e na melhoria da qualidade do ensino nas comunidades - porque o Curso proporciona várias ideias de como lecionar uma aula diferenciada, melhorando educação indígena –, na cultura e na participação dos estudantes na comunidade.

Por outro lado, ao relatar situações que, na visão dos alunos poderiam melhorar ou mudar, como moradia, recursos financeiros e inserção de professores indígenas, espera-se que esta pesquisa contribua para o aprimoramento do FIEI.

## 6. REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.** 496 p. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf). Acesso em: 20 de setembro 2024.

CARMO, Angelo Santos do. Aldeia Velha, Saberes, Fazeres e Memória. Monografia apresentada na Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena –LICEEI-UNEB, 2019.

DUTRA, Mara Vanessa; REZENDE, Zélia; RESENDE, Márcia Maria Spyer; MATTOS, Kleber Gesteira; ALMEIDA, Maria Inês de; ÁLVARES, Myriam Martins e ROMANELII, Lilavate Izapovitz. **Krenak, Maxacali, Pataxó e Xakriabá: a formação de professores indígenas em Minas Gerais.** Em Aberto, Brasília, v. 20, n. 76, p. 74-88, fev. 2003.

GUEDES, Mariceia Meirelles. **Intercâmbio cultural e territorial enquanto prática pedagógica diferenciada.** 2018. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo horizonte, 2023.

## 7. ANEXO

### Roteiro de Entrevista

#### Identificação entrevistado

Nome completo

Idade

Aldeia

Qual a relação / forma de atuação histórica e atual no campo da educação, da cultura e/ou do movimento indígena?

#### Ingresso no FIEI

Como foi o seu processo de ingresso / entrada no FIEI? (Motivações para entrada no Curso; razões da escolha da habilitação; relação com o processo seletivo etc.)

#### Permanência no FIEI

Como foi a sua trajetória no FIEI? (Incentivar que conte a sua história no Curso)

Quais os principais desafios enfrentados por você para a permanência no FIEI?

Quais as saídas ou soluções apresentadas às demandas apresentadas por você e/ou pelos seus colegas para permanência no Curso? (Explorar as questões relacionadas a recursos financeiros, estadia, apoio da equipe etc.)

Há conquistas do Curso que você considera importantes? Quais?

#### Efeitos FIEI

Quais aprendizados você construiu no Curso?

Quais os efeitos produzidos pelo FIEI na sua formação acadêmica e pessoal? (Questão central ao seu problema de pesquisa: explorar os campos da educação, da cultura e do movimento.)

Quais os efeitos produzidos FIEI para a sua aldeia? (Questão central ao seu problema de pesquisa: explorar os campos da educação, da cultura e do movimento.)

#### Avaliação FIEI

Quais são os pontos positivos do FIEI?

Quais são os pontos negativos do FIEI?

Na sua opinião, o que ainda precisa mudar para o FIEI ser o Curso ideal para os indígenas?